

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

Bergman e o contínuo turbilhão contraditório da dúvida existencial [Bergman and contínuo contradictory whirlwind of existential doubt]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-06-21 10:43:24
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159047

Bergman e o contínuo turbilhão contraditório da dúvida existencial

Para Andreia Vasconcellos, o cineasta sueco arremessa o pessimismo contra a esperança, e o otimismo contra a barbárie, de modo a retratar os sentidos e os ressentimentos de uma época em que a redenção moral parece cada vez mais distante e efêmera

POR GRAZIELA WOLFART

“O silêncio de Deus retratado pela obra de Bergman configura-se como a centralidade da crise que arremessa o ser humano em um abismo moral que já não possui fundação alguma. Deus como uma instância inquestionável e inabalável foi profundamente tensionado na obra de Bergman. Com isso não queremos dizer que não haja personagens que acreditam em Deus. Afirmamos que a fé em Deus já não reza de maneira orgânica, isto é, sem suscitar profunda angústia e dúvida naqueles que continuam a acreditar na divindade. Nesse sentido, podemos situar Ingmar Bergman na tradição de Nietzsche e Dostoiévski, para quem a morte ou a inexistência da divindade arremessa o ser humano em um tur-

bilhão de relativismo moral em meio ao qual tudo o que é sólido desmancha-se no ar”. A reflexão é da mestrandia em Ciências da Religião pela PUC-SP, Andreia Vasconcellos, em entrevista concedida por e-mail para a **IHU On-Line**. Ao pesquisar sobre a filmografia de Ingmar Bergman, ela aponta que “a obra *O sétimo selo* pode ser compreendida como uma grande síntese da problemática teológica na obra de seu autor, pois ela apresenta uma genealogia da crise da fé, isto é, o filme em questão procura recuperar o momento histórico a partir do qual Deus já não podia despontar como um sistema inquestionável que continha as respostas para todas e cada uma de nossas dúvidas”.

Confira a entrevista.

IHU On-Line – O que caracteriza o olhar de Ingmar Bergman sobre questões existenciais, como a mortalidade, a solidão e a fé?

Andreia Vasconcellos – Se pensarmos em um panorama sobre a obra de Ingmar Bergman¹, creio que chega-

remos à dúvida existencial como uma constante que perpassa a totalidade de seus filmes. A dúvida sobre o amor; a dúvida sobre a amizade; a hesitação em relação a Deus e à redenção divina; o silêncio diante da mortalidade. Já em seu primeiro filme, *Prisão*, de 1949, há a seguinte passagem:

Após a vida só há a morte. Isso é tudo que vocês precisam saber. Os sentimentais e fracos podem se ajoelhar na igreja, os ente-

diados e indiferentes podem se suicidar... Deus está morto ou derrotado ou como quer que vocês prefiram. A vida não passa de uma vereda cruel e sedutora entre a vida e a morte. Uma grande peça risível, bela e feia, sem piedade ou sentido.

O trecho em questão apresenta uma vertente bergmaniana que tende a se associar ao ateísmo. Tal concepção é muito forte ao longo da obra do cineasta sueco. No entanto, o ateísmo não se configura sem se

¹ Ernst Ingmar Bergman (1918-2007): dramaturgo e cineasta sueco. Estudou na Universidade de Estocolmo, onde se interessou por teatro e, mais tarde, por cinema. Iniciou a carreira em 1941, escrevendo a peça teatral *Morte de Kasper*. Em 1944, desenvolveu o primeiro argumento para o filme *Hets*. Seus trabalhos lidam geralmente com questões existenciais

tais como a mortalidade, a solidão e a fé. (Nota da **IHU On-Line**)

chocar com percepções e vivências que ainda buscariam a redenção. Eis aqui um primeiro movimento de dúvida existencial que enseja o embate entre posições antípodas. Assim, em *O sétimo selo* (1957), encontramos o cavaleiro Antonius Block, um ser profundamente angustiado por conta do esfacelamento dos valores medievais que concebiam Deus como uma presença inequívoca em cada momento do cotidiano. Em meio à peste que dizimava a população feudal, Block já não consegue encontrar guarida junto às respostas tradicionais do Deus que cada vez mais se confunde com um completo silêncio. Em contrapartida, *O sétimo selo* também nos apresenta o artista mambembe Jof, cuja família acolhedora parece não sentir o esboamento da fé e do sistema divino. Jof, Mia e o pequeno Mikael parecem agraciados com uma insciência que os protege dos questionamentos tautológicos e autofágicos que só fazem solapar o ímpeto do nobre cavaleiro. Sendo assim, como decidir qual polo representa uma tendência totalizante na obra de Ingmar Bergman? Tal exemplo se desdobra ao longo dos demais filmes. Parece-me, nesse sentido, que o movimento da dúvida projeta uma percepção crítica que não procura abstrair os conflitos fílmicos em prol de uma tese que acabe ignorando a presença constante de diversas antíteses. Assim, a mortalidade, a solidão e a fé não podem ser apreendidas, a meu ver, a partir de um sentido unívoco. De fato, a falta de fé, a insciência a respeito do que há além da morte e a solidão contumaz sintetizam muitos dos dilemas que atormentam as personagens. No entanto, o princípio da dúvida nos faz entrever que uma vereda de redenção se insinua sempre que o desfiladeiro parece inescapável. Eis um exemplo extraído ainda uma vez de *O sétimo selo* – quem fala agora é o supostamente cético escudeiro Jöns, parceiro leal de Antonius Block: “Se tudo é imperfeito neste mundo imperfeito, então, o amor é perfeito em sua imperfeição”.

IHU On-Line – Como o silêncio de Deus aparece na obra de Ingmar Bergman? Que leitura pode ser feita a partir da “trilogia do silêncio”?

“Fé e ceticismo caminham lado a lado nas montagens bergmanianas”

Andreia Vasconcellos – Em primeiro lugar, é preciso dizer que a “trilogia do silêncio” foi uma construção feita posteriormente. Bergman chegou a afirmar que, à época, era recorrente a construção de trilógias, querendo com isso dizer que, a princípio, não havia efetivamente uma trilogia do silêncio formada por *Através de um espelho* (1961), *Luz de inverno* (1962) e *O silêncio* (1963). Isso posto, não devemos dizer que não haja uma estreita contiguidade temática entre os filmes em questão. O silêncio de Deus retratado pela obra de Bergman configura-se como a centralidade da crise que arremessa o ser humano em um abismo moral que já não possui fundação alguma. Deus como uma instância inquestionável e inabalável foi profundamente tensionado na obra de Bergman. Com isso não queremos dizer que não haja personagens que acreditam em Deus. Afirmamos que a fé em Deus já não reza de maneira orgânica, isto é, sem suscitar profunda angústia e dúvida naqueles que continuam a acreditar na divindade. Nesse sentido, podemos situar Ingmar Bergman na tradição de Nietzsche² e

2 Friedrich Nietzsche (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou, até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da IHU On-Line, de 13-12-2004, intitulado Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo, disponível para download em <http://migre.me/s7BB>. A edição 15 dos Cadernos IHU em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em <http://migre.me/s7BU>. (Nota da

Dostoiévski³, para quem a morte ou a inexistência da divindade arremessa o ser humano em um turbilhão de relativismo moral em meio ao qual tudo o que é sólido desmancha-se no ar. Assim, os filmes que compõem a trilogia procurarão levar às últimas consequências o silêncio de Deus. Do mecanicismo litúrgico que leva um pastor ateu a se esconder sob as vestes eclesiásticas a um escritor/pai que usa a loucura crescente da filha para compor a própria obra, entrevemos o silêncio de Deus e o vazio moral dele advindo como o trágico espectro que permeia e esgarça as mais diversas relações humanas.

IHU On-Line – Como fé, arte e cinema se fundem na filmografia de Bergman?

Andreia Vasconcellos – Bergman sentia uma forte necessidade de comunicação em meio a uma sociedade que tornava tênues e efêmeros os laços de união entre as pessoas. O autor chega a apontar o esfacelamento da comunicação no auge do individualismo moderno. Nesse sentido, Bergman sempre buscou um meio pelo qual pudesse comunicar a torrente de seus pensamentos, sensações e experiências. Dizia que lhe faltavam palavras para se tornar um bom escritor. A música lhe era indômita e a pintura, em verdade, não o tocava profundamente. Assim, a imagem em movimento acabou por se transformar em um profundo mecanismo de expressão artística que se vinculava à

IHU On-Line)

3 Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski*. Pelos subterrâneos do ser humano, disponível em <http://bit.ly/g98im2>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <http://bit.ly/upBvgN>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov*, de Dostoiévski, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em <http://bit.ly/sSjCfy>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em <http://bit.ly/uhTy9x>. (Nota da IHU On-Line)

arraigada necessidade de comunicação que o autor sentia. Se pensarmos em clássicas imagens de Bergman, nos lembraremos da cena em que o cavaleiro Antonius Block joga xadrez com a Morte em *O sétimo selo*. Como se a vida, a caminhar sobre uma corda pênsil, estivesse sempre a uma jogada do xeque-mate. Também devemos mencionar as imagens de Jesus crucificado que se reiteram nos filmes. Tanto em *O sétimo selo* quanto em *Luz de inverno*, a imagem de madeira do Cristo crucificado já não aparece com a altivez divina das igrejas católicas. Cristo se mostra macérrimo e lacerao, cheio de equimoses e escaras, as costelas à mostra, cupins devoram a madeira que, assim, já não se mostra unguida pela proteção divina. Em contraposição, encontramos cenas de comunhão que dão sobrevida ao ímpeto da fé. Como não mencionar a ceia dos morangos ao leite que aproxima Block da família de artistas mambembes como um breve momento de reconciliação na trajetória do angustiado cavaleiro? Fé e ceticismo caminham lado a lado nas montagens bergmanianas. Como se caminhássemos por um corredor estreito ao longo cujas paredes víssemos o contínuo entrecchoque das polaridades imagéticas que arremessam as personagens – e os espectadores – em meio ao contínuo turbilhão contraditório da dúvida.

IHU On-Line – Que destaque pode ser dado à obra *O sétimo selo* em relação ao olhar de Bergman sobre Deus e a fé?

Andreia Vasconcellos – A obra *O sétimo selo*, sobre a qual venho desenvolvendo minha pesquisa de mestrado, pode ser compreendida como uma grande síntese da problemática teológica na obra de Bergman. Trabalho com a ideia de que *O sétimo selo* nos apresenta uma genealogia da crise da fé, isto é, o filme em questão procura recuperar o momento histórico a partir do qual Deus já não podia despontar como um sistema inquestionável que continha as respostas para todas e cada uma de nossas dúvidas. A peste bubônica solapa a orgânica sociedade medieval. As mortes em escala crescente prenunciam o Apocalipse. Nesse sentido, Antonius Block tenta conversar com Deus para

“No limite, o questionamento a Deus se transforma no questionamento sobre Deus”

que Ele lhe forneça a liturgia a fim de que a vida possa seguir seu curso até então considerado normal. O que Block, um niilista *avant la lettre*, ainda não sabe, é que já não será possível recorrer ao deus medieval. Deus começa a agonizar junto com o outono da Idade Média. Quando pensamos, então, em um diálogo entre *O sétimo selo* e *Luz de inverno*, entendemos que as chagas que tanto atormentam Antonius Block se transformaram no cinismo que rege a liturgia do pastor Tomas Ericsson. Block estava inserido em um contexto que não podia trazer as respostas por que ele tanto ansiava. As ruínas medievais não podiam consolá-lo, mas, à época, não havia um desenvolvimento racional historicamente constituído para que Deus fosse questionado profundamente. Ericsson, no entanto, é um pastor em meio ao século XX. O clérigo vivenciara os horrores da Guerra Civil Espanhola. Diante da iconoclasta tradição iluminista, já não é possível aceitar o Apocalipse sem questionar Deus. O ponto é que, no limite, o questionamento a Deus se transforma no questionamento sobre Deus. É assim que entrevemos uma contiguidade essencial entre Antonius Block e Tomas Ericsson. A história torna recíprocos os questionamentos das personagens, de modo que Ericsson pode ser lido como o desdobramento escatológico do nobre cavaleiro d'*O sétimo selo*.

IHU On-Line – Como o temor pelo fim do mundo aparece na obra *O sétimo selo*?

Andreia Vasconcellos – O fim do mundo desponta n'*O sétimo selo* desde o título do filme e de suas cenas iniciais, os quais sofrem profunda influência do Apocalipse. A princípio,

um narrador retoma um fragmento apocalíptico diante do céu que se confunde com uma vasta abóboda vazia. Não à toa, a cena seguinte desvela um pássaro negro como o prenúncio da Morte que jogará xadrez com o cavaleiro Antonius Block. Toda a atmosfera do filme é perpassada tanto pelas mortes em decorrência da peste quanto pelo temor disseminado pela Igreja de que o fim do mundo está próximo. Assim, diante do silêncio do Deus, o medo passa a ser o efetivo instrumento da fé.

IHU On-Line – Que relação pode ser estabelecida aqui entre a Segunda Guerra Mundial e a bomba atômica? Para Bergman, o homem seria o grande responsável pelo apocalipse final?

Andreia Vasconcellos – Da mesma forma que Block estava inserido em uma tradição que entrevia sinais claros de Apocalipse por conta da disseminação da peste, a geração do pós-guerra passou a ver a hecatombe iminente em meio à Guerra Fria como um claro sinal laico de que o mundo seria dizimado. Assim, a semelhança também nos leva às diferenças. Block não tinha como prever qual seria a dimensão da catástrofe disseminada pela peste. Atualmente, no entanto, é possível calcular de antemão quantas vezes o mundo poderá ser destruído por conta do arsenal nuclear. Quando comparamos, então, o dilema de Block à crise de Tomas Ericsson, nos damos conta de que o pastor vive em um mundo que não apenas confina Deus aos limites das igrejas, como também torna inofensivo o dilúvio bíblico em face de Hiroshima⁴ e Tchernobil⁵. Podemos dizer, então, que a

4 **Hiroshima**: capital da província japonesa de Hiroshima. Fica no rio Ota (Otagawa), cujos seis canais dividem a cidade em ilhas. Cresceu em torno de um castelo feudal do século XVI. Recebeu o estatuto de cidade em 1589. Serviu de quartel-general durante a guerra sino-japonesa (1894-95). Em 6 de agosto de 1945 foi a primeira cidade do mundo arrasada por uma bomba atômica, lançada pelos Estados Unidos, resultando em 250 mil mortos e feridos. (Nota da IHU On-Line)

5 **Tchernobil**: cidade-fantasma localizada no norte da Ucrânia, perto da fronteira com a Bielorrússia. O nome da localidade significa “Gramma Negra”. Em 26 de Abril de 1986 ocorreu o acidente nuclear

responsabilidade do homem perante os acontecimentos do mundo aumenta na mesma medida em que vai se instaurando o silêncio de Deus. Conforme a divindade não mais responde às angústias dos homens, a humanidade deve buscar em si mesma a fonte para a resolução de seus problemas. Assim, a mesma tradição que gera o relativismo moral precisa se estruturar para gerar valores que alicercem a perpetuação da sociedade.

IHU On-Line – Quem é o ser humano retratado na filmografia de Bergman? Seu foco é mais pessimista ou mais esperançoso em relação à humanidade?

Andreia Vasconcellos – O ser humano retratado na filmografia de

de Chernobyl. Um reator da central de Chernobyl veio a ter problemas técnicos e liberou uma imensa nuvem radioativa contaminando pessoas, animais e o meio ambiente de uma vasta extensão do tamanho de Guadalupe. Ironicamente, o acidente se deu durante o teste de um mecanismo de segurança que garantiria a produção de energia em caso de acidentes. A explosão ocorreu quando o sistema era testado em um dos blocos da usina, provavelmente devido à instabilidade do reator provocada por uma combinação de erros humanos na sua operação e sua construção estar incompleta à época. Sobre o tema, leia a entrevista “Brasil não deve investir em energia nuclear”, com Dom Jayme Chemello, publicada no sítio do IHU em 02 de junho de 2012, disponível em <http://bit.ly/LhvZTr> (Nota da IHU On-Line)

“O ser humano retratado na filmografia de Bergman é aquele esmagado pela dúvida a respeito do sentido da existência”

Bergman é aquele esmagado pela dúvida a respeito do sentido da existência. Tal dúvida, como vimos sustentando, relaciona-se primordialmente ao silêncio de Deus. No entanto, ela se espraia por todas as esferas da existência, de modo a tornar frágeis e instáveis todas as relações de que tomamos parte. A ausência de sentido mina a perenidade do amor, a confiança na amizade, a reciprocidade das trocas, a fraternidade da família, o conforto da solidão que a contento quereria o contato do outro. É como se Bergman entresse o veio tenso de desenvolvimento das ideias e relações e o levasse às últimas consequências para, a partir das ações desdobradas em cenas, extrair o sentido ulterior

para o qual nos encaminhamos. Sentido, vale frisar, que pode se transformar em uma completa falta de sentido. Tendo em vista tais pressupostos, afirmamos que Bergman arremessa o pessimismo contra a esperança e o otimismo contra a barbárie, de modo a retratar, pelos mais diversos prismas, os sentidos e os ressentimentos de uma época em que a redenção moral parece cada vez mais distante e efêmera.

IHU On-Line – Qual o papel da arte para o sentido da continuidade da humanidade, segundo Bergman?

Andreia Vasconcellos – De acordo com nossa concepção sobre Bergman, seus filmes realizam um profundo diagnóstico de época que tenta apreender os sentidos e os desatinos da condição humana. Assim, a arte, ao refletir sobre o movimento que perpassa a humanidade, pode fazer com que nós, seres humanos, reflitamos sobre o processo que nos engloba. Estamos satisfeitos com os caminhos que temos diante de nós? Ainda conseguimos entrever a felicidade em meio à densa tristeza do mundo? A filmografia de Bergman, ao sintetizar os dilemas humanos a partir do silêncio de Deus, nos faz pensar sobre a frágil possibilidade de mudança em um mundo que já não oferece bases tradicionais para nossas ações contingentes e revogáveis.

Baú da IHU On-Line

Leia outros materiais publicados pelo IHU sobre a questão do cinema e da transcendência:

- *O cinema como lugar de possibilidade de expressão do Mistério*. Entrevista com Massimo Pampaloni, publicada na **IHU On-Line** número 403, de 24-09-2012, disponível em <http://bit.ly/SksKAq>;
- *Um grave mal entendido contemporâneo: a inversão do tempo e do saber*. Entrevista com Alfredo Jerusalinsky, publicada na **IHU On-Line** número 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GEjkq3>;
- *Malick, Scorsese Lars von Trier em debate*. Entrevista com Joe Marçal Gonçalves dos Santos, publicada na **IHU On-Line** número 386, de 19-03-2012, disponível em <http://bit.ly/GHX26K>;
- Terrence Malick e os nexos entre cinema e filosofia. Entrevista com Milton do Prado Franco Neto, publicada na **IHU On-Line** número 388, de 09-04-2012, disponível em <http://bit.ly/Hskx4M>;
- **Cadernos Teologia Pública** 26ª edição, intitulado “Um olhar teopoético. Teologia e cinema em O Sacrifício de Andrei Tarkovski”, de autoria de Joe Marçal Gonçalves dos Santos, disponível em <http://bit.ly/O3y4J3>